

POSSIBILIDADES DE LEITURA EM CONTEXTO PRISIONAL

READING POSSIBILITIES IN A PRISON CONTEXT

Rosângela Queiroz Garcia Leite Nogueira¹

Epaminondas de Matos Magalhães²

Recebimento do Texto: 18/03/2025

Data de Aceite: 30/03/2025

Resumo: Este estudo apresenta um recorte da pesquisa de doutorado em andamento intitulada *Histórias de leitura de alunas em contexto carcerário*. O estudo vincula-se ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Estudos Literários – Mestrado/Doutorado - PPGEL tendo como lócus da pesquisa – a Penitenciária Feminina Ana Maria do Couto May, em Cuiabá. Seu objeto mais amplo é a compreensão e investigação das histórias, sentidos e significados da leitura que as alunas – mulheres privadas de liberdade – dão às leituras realizadas em espaço prisional. Assim sendo, apontamentos de forma suscita os caminhos metodológicos e teóricos que sustentam a pesquisa em andamento.

Palavras-chave: Leitura. Sentidos e significados. Contexto prisional.

Abstract: This study presents an excerpt from ongoing doctoral research entitled *Stories of reading by female students in a prison context*. The study is linked to the Stricto Sensu Graduate Program in Literary Studies – Master's/Doctorate – PPGEL, with the Ana Maria do Couto May Women's Prison in Cuiabá as the locus of the research. Its broader objective is to understand and investigate the stories, meanings, and significance that female students—women deprived of their liberty—attribute to reading in a prison setting. As such, this paper outlines the methodological and theoretical approaches that underpin the ongoing research.

Keywords: Reading. Senses and meanings. Prison context.

1 Rosângela Queiroz Garcia Leite Nogueira. Professora em doutoramento - Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat Campus Universitário de Tangará da Serra, Programa – Pós-Graduação Stricto Sensu em Estudos Literários. Linha de pesquisa: Leitura, literatura e ensino. Orientador: Prof. Dr. Epaminondas de Matos Magalhães.

2 Doutor. Docente do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, da Universidade do Estado de Mato Grosso.

Apresentação sumária

O presente artigo apresenta um recorte da pesquisa de Doutorado em andamento, intitulada *Histórias de Leitura de mulheres em situação carcerária*. Para a realização do estudo, buscamos entrevistar e investigar as práticas de leitura literária e de literatura entre mulheres em situação de privação de liberdade, na Instituição Penitenciária Feminina Ana Maria do Couto May, localizada em Cuiabá – *lôcus* da pesquisa. Essa instituição conta com um espaço educacional – a escola, onde foi realizada a coleta de dados.

O estudo justifica-se pela crença de que as práticas de leitura protagonizadas por essas mulheres – alunas em privação de liberdade – podem contribuir para a “alteração de suas subjetividades” e, consequentemente, para a reconstrução de si mesmas. Isso porque o exercício da leitura proporciona a construção de sentidos (PETIT, 2010).

A proposta tem como objetivo mais amplo compreender as histórias, os sentidos e os significados atribuídos à leitura pelas alunas – mulheres privadas de liberdade – no contexto carcerário. As participantes têm entre 22 e 53 anos e estão matriculadas nos ensinos fundamental e ensino médio, na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA), ofertada pela Escola Estadual José de Mesquita de Oliveira, de Cuiabá, inserida no espaço escolar da instituição prisional.

O cenário da pesquisa constitui um campo de estudo multifacetado, com desafios complexos e únicos. Tal fato se deve às diversas particularidades do contexto, as quais podem tanto dificultar a realização de pesquisas quanto contribuir para o surgimento de novos arranjos e contornos investigativos.

O cotidiano nesse ambiente é extremamente dinâmico, o que contribui para o surgimento de inesperados obstáculos metodológicos. Tais dificuldades podem implicar significativamente na execução e na prática da metodologia de pesquisa científica nesse contexto específico.

Para a realização da coleta de dados, percorremos, *a priori*, alguns caminhos imprescindíveis para, assim, adentrar no campo de pesquisa, com intuito de colher os dados necessários e objetivados na pesquisa. Esses dados foram obtidos na instituição educativa, a escola, inserida no espaço da instituição prisional.

Desse modo, as primeiras aproximações com o objeto de estudo ocorreram por meio de contatos institucionais e da obtenção de documentos de autorização junto à Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (SEDUC/MT), por intermédio do Núcleo de Educação nas Prisões (NEP). Posteriormente, houve contato com a Secretaria de Estado de Segurança Pública de Mato Grosso (SESP-MT), sendo necessário submeter-me às rigorosas normas da Instituição Prisional. Entre elas, estavam a apresentação pessoal, a exposição do projeto de pesquisa de forma verbal e documental, assim como a obtenção das devidas autorizações, a exemplo do parecer consubstanciado – CAAE 52752021 de n.º 5.379.613 – do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UNEMAT).

Posso dizer que o desafio de conhecer o campo da pesquisa provocou em mim um misto de angústia e inquietude. Entretanto, esses sentimentos não foram maiores do que a certeza de que, naquele espaço, encontraria mulheres leitoras, tanto na escola quanto em outros espaços da instituição prisional, que certamente colaborariam com a pesquisa. Ou melhor, fariam parte dela. Essa convicção contribuiu para aquietar tais sensações e sentimentos.

Nesse contexto, buscamos observar os sentidos atribuídos à escola na prisão pelas alunas entrevistadas. Em suas narrativas, elas retratam a escola a partir de um olhar comum, atribuindo-lhe sentidos semelhantes. Para essas mulheres, a escola representa um espaço de amplas oportunidades de formação, acesso ao conhecimento, aprendizagem e sociabilidade. É o “lugar onde elas são chamadas pelo próprio nome, lugar de práticas pedagógicas, ensino, leituras, escrita e arte”. Em síntese, trata-se de um espaço de possibilidades de formação acadêmica, enfim, um lugar “terapêutico”, mediado pelos professores.

Alguns apontamentos teóricos

Para embasar a pesquisa, além de outros autores, recorreremos às contribuições teóricas de Chantal Horellou-Lafarge e Monique Segré (2010), ligadas à sociologia da leitura. Destacamos, em especial, as reflexões de Petit (2010), que investiga a arte de ler em contextos adversos, assim como as de autores que reconhecem a leitura como uma prática cultural e social, relacionada à história dos leitores, a exemplo de Chartier (1988).

Outrossim, Horellou-Lafarge e Segré (2010, p. 13-14) atestam que a leitura

pode ser realizada “sob diferentes enfoques e maneiras, como ler para saber que direção seguir e se orientar diante das necessidades e nossos gostos a exemplo de ler para informar-se, compreender e, ou, ainda, folhear uma revista na realização de uma leitura rápida e despreocupada”. Desse modo, observam as autoras que tais “maneiras de ler possibilitam ao leitor novos sentidos, significados e inúmeras representações, porquanto tais elementos contribuem para uma maior reflexão sobre as nuances do texto”.

Nesse desiderato, as pesquisadoras salientam que:

há multiplicidades de leituras possíveis de um mesmo texto, porque os textos vivem, nunca são congelados ou definidos, aparecem mais ou menos fáceis ou mais ou menos complexos, apelando para o conhecimento distintos e interpretações diversas. Há tantas maneiras de ler quantos são os textos cujos significados oscilam (HORELLOU-LAFARGE; SEGRÉ, 2010, p. 13-14).

Tem-se que a vida atual estabelece uma certa imposição ao ato de ler como uma prática “obrigatória”, visto que vivemos em uma sociedade grafocêntrica, que permite a interação com os mais diversos tipos de leitura. Nesse contexto, Horellou-Lafarge e Segré (2010, p. 14) recorrem ao pensamento do sociólogo Jean-Claude Passeron, o qual destaca a leitura como “uma necessidade iniludível”, que constitui uma prática cultural diferente das demais.

Para as autoras, a leitura não se define como uma especificidade, posto que, em uma sociedade plenamente gráfica, ela se oferece e se impõe sob as formas mais heterogêneas. Assim, segundo as pesquisadoras, a leitura se caracteriza pelo que Jean-Claude Passeron (1991) identifica como um “polimorfismo social e cultural da leitura, vez que o acesso à informação escrita é apresentado atualmente como uma condição preliminar da plena utilização de outros códigos” (HORELLOU-LAFARGE; SEGRÉ, 2010, p. 15).

Por outro lado, a história das práticas de leitura, conforme observa Roger Chartier (1988) em sua obra *A História da Cultura entre as Práticas e representações*, nos mostra que:

a sociologia histórica das práticas de leitura tem por objetivo identificar que para cada época e para cada meio, as modalidades partilhadas do ler, dão formas e sentidos aos gestos individuais [...]. É historicamente produzido um sentido e diferenciadamente construída uma significação (CHARTIER, 1988, p. 121).

Para exemplificar as maneiras de ler e as variedades de interpretação ao longo do tempo, Chartier (1988, p. 121-123) “busca, como suporte, um velho texto do espanhol Fernando Rojas, o qual se indaga sobre as razões pelas quais seu texto *La Celestina* ter sido entendido de modos tão diversos desde a sua primeira publicação, em 1499”. Na sequência de seus estudos, Chartier (1988) transmite que Rojas, ao escrever o prólogo para *La Celestina*, “indica a tensão central de toda a história da leitura”.

À vista disso, Chartier (1988) entende que a leitura, como questão central de toda sua história, é uma prática criadora e atividade produtora de sentidos singulares, os quais não são redutíveis às intenções dos autores de textos ou dos criadores de livros. Evocando Michel de Certeau, o autor descreve a leitura como uma “caça furtiva”.

De outro modo, tanto o autor como o editor “esperam” que o leitor tenha uma interpretação, uma compreensão única e correta. Assim sendo, Chartier (1988) elenca que, ao analisar as práticas da leitura, é necessário reconhecer a liberdade inerente aos leitores, bem como as restrições impostas sobre eles.

Em linhas gerais, destacamos também, na pesquisa em andamento, algumas das principais contribuições (no que tange ao nosso estudo) da antropóloga francesa Michèle Petit. A autora ingressou, em 1972, como pesquisadora no Laboratório de Dinâmicas Sociais e Recomposição dos Espaços, do *Centre National de La Recherche Scientifique*, na França, onde, desde 2004, coordena um programa internacional sobre a “leitura em espaços de crise”. Tal programa abrange tanto situações de guerra ou migrações forçadas quanto contextos de rápida deterioração econômica e grande violência social.

A partir de 1992, a autora passou a se interessar fortemente pela análise da relação entre o sujeito e o livro, privilegiando a experiência singular do leitor (PETIT, 2010). Durante esse percurso, ao longo de vários anos, ela se dedicou a

investigar a leitura em espaços em crise “em vários cantos da América Latina, inclusive, no Brasil”, onde teve a oportunidade de ver alguns de seus livros publicados “em uma das línguas mais belas da terra”.

Entre suas publicações, destacamos a obra *A arte de ler ou como resistir à diversidade* (2010), cujas reflexões são de grande relevância para o nosso estudo. Isso porque os participantes da pesquisa encontram-se, diuturnamente, em espaços de crise intensa e/ou adversidades que

se manifestam em transtornos semelhantes (depressão, medo do abandono, medo da sociedade, inferioridade, insônia...), perda da casa ou das paisagens familiares, as crises as confinam em um tempo imediato [...] em um espaço sem linha de fuga [...]. Tais sentimentos abalam o sentimento de continuidade de si, a autoestima, podendo provocar uma perda total de sentido [...] (PETIT, 2010, p. 21).

Nesse sentido, a autora, ao “investigar a arte de ler em contextos de crise”, enfatiza a leitura (sob todas as suas formas) como uma atividade privilegiada, capaz de ajudar aqueles ou aquelas que com ela entram em contato a resistirem às adversidades e, por conseguinte, reconstruírem seu mundo interior. Para Petit (2010), o poder reparador da cultura escrita ultrapassa o conhecimento do campo do saber, visto que o valor e a riqueza da literatura são, indubitavelmente, sem igual na construção ou reconstrução de si em contextos adversos (PETIT, 2010).

Ao introduzir sua obra, Petit (2010, p. 15-16) observa que a ideia de que a leitura pode contribuir para o bem-estar é, sem dúvida, “tão antiga quanto a crença de que ela pode ser perigosa ou nefasta”, bem como salienta que “os poderes reparadores da leitura são notados ao longo dos séculos [...]”. Nessa direção, no século XX, foi observado que a leitura ou a recordação dos textos lidos teve um papel reanimador para aqueles que resistiram ao degredo (deportados nos campos de concentração nazistas, prisões em isolamento, em campo de trabalhos forçados no Ártico). Nesse contexto, alguns prisioneiros buscavam refugiar suas mentes com momentos de deleite, revivendo as memórias de suas leituras passadas, as quais os ajudavam a recuperar suas energias vitais para enfrentar o degredo. Vejamos: Primo Levi recitava Dante a seu amigo Pikolo, em Auschwitz, e os companheiros de Robert Antelme se lembravam dos poemas que transcreviam stalinista.

Por conseguinte, Petit nos traz intensos depoimentos históricos de indivíduos em adversidades, como as histórias vivenciadas pelos escritores Primo Levi, Robert Antelme, Joseph Brodsky e Varlam Chalámov, os quais experimentaram os poderes reparadores e transformadores da literatura em pedaços de cartão, encontrados no depósito da fábrica. Brodsky, condenado a trabalhos forçados em um lugar próximo ao círculo polar, lia Auden, de onde tirava forças para sobreviver e enfrentar os carcereiros (PETIT, 2010, p. 15-16).

Como podemos observar, Petit (2010) nos traz algumas histórias de vidas entrelaçadas com a leitura da literatura (sob todas suas formas) em contextos de privação de liberdade. No entanto, nesses cenários, muitos prisioneiros buscaram refúgio no “universo fabulado”, recorrendo à memória para trazer à tona forças necessárias para aquebrantar o estado de desespero e amenizar os sentidos. Dessa maneira, criaram forças simbólicas para resistir à adversidade.

A autora prossegue e afirma que, nesse contexto, vários homens e mulheres redescobriram a grande importância dos livros ou da recordação dos textos lidos nas prisões. Um exemplo é o do jornalista francês Jean-Paul Kauffmann, sequestrado e confinado em uma solitária por três anos no Líbano, que, “quando não tinha mais nada para ler, recordava os poemas ou romances “de antes”, empenhando-se em recuperar “a impregnação”. É o que ele mesmo testemunha, conforme relata Petit (2010, p. 16):

essa ginástica da memória não se ocupava de maneira alguma da história. Reconstituir a intriga de *O vermelho e o negro*, Eugénie Grandet ou *Madame Bovary* não era o objetivo que eu perseguia, recriar a lembrança de uma leitura, reconhecer em mim os rastros que perduraram, recuperar a impregnação, eis a meta que estabeleci. Dar um significado àquilo que eu lia era secundário. Procurava embeber-me do texto, não a sua interpretação. [...] Eu já mais tinha devorado um texto com tamanha intensidade. Esquecia a cela. Enfiado no fundo da minha leitura, produzindo em mim mesmo um outro texto. Fruição estranha, equivalia a uma reconquista provisória da liberdade [...] encarcerado e sob a luz de uma vela, conheci a adesão absoluta ao texto, a fusão integral com os símbolos que o compunham.

Além disso, defende a autora, em seu texto *O direito à literatura*, que ninguém deve ser obrigado a “gostar de ler”. Ela sustenta que cada indivíduo deve ser “livre e bem entendido para preferir outras atividades culturais à leitura escrita, posto que estamos no campo dos “lazer”, no qual prevalecem as inclinações pessoais” (PETIT, 2010, p. 286).

Contudo, adverte Petit (2010) que cada indivíduo deveria ter a experiência de experimentar que a apropriação da cultura escrita é desejável e possível. Para tanto, apresenta *três* motivos que justificam essa afirmação. No “*primeiro motivo*”, argumenta Petit que a familiaridade com a escrita é um fator decisivo do devir social e, antes disso, do destino escolar, que condiciona em boa parte esse devir, mesmo se muitos outros elementos entram em jogo – e, em primeiro lugar, o capital relacional” (PETIT, 2010, p. 287).

Para sustentar sua proposição, a autora nos traz o escrito do Sociólogo francês Stéphane Beaud, o qual evidencia que a “atitude bloqueada em relação aos livros, a hostilidade diante da leitura, que muitos indivíduos manifestam, são prejudiciais para o seu percurso escolar e, depois, para o nível universitário” (PETIT, 2010, p. 287). Por conseguinte, escreve Beaud *apud* Petit (2010, p. 287) que “a relação com a cultura escrita é uma condição essencial do sucesso escolar. É, mesmo, a chave de tudo”. E o seu bloqueio [...] em relação à leitura é uma questão fundamental, que condiciona o seu acesso aos estudos, mas, também, a sua relação com a política” (PETIT, 2010, p. 287).

Além do mais, Petit (2010) observa que é muito mais difícil ter voz ativa no espaço público quando se é inábil no uso da cultura escrita. Esse é o *segundo motivo* pelo qual, de acordo com a autora, ninguém deveria ser excluído desse universo. No entanto, ela pondera “que a familiaridade com a leitura não é suficiente e não garante nada. Contudo, quem está distante dela corre o risco de ficar fora do jogo” (PETIT, 2010, p. 288).

Como *terceiro motivo*, Petit (2010) defende que o “recurso facilitado à cultura escrita permite não apenas o campo do saber e da informação, mas, também, das imensas reservas da literatura, sob todas as suas formas, cuja riqueza é, indiscutivelmente, sem igual para construir ou se reconstruir na adversidade” (PETIT, 2010, p. 288). Nessa perspectiva, ao evidenciar o poder reparador da leitura em tempos de crise, a autora observa que os agentes de leitura por ela entrevistados

são conscientes de que a literatura não irá reparar, por si só, as violências ou as desigualdades do mundo. Todavia, entendem que a leitura “fornece um suporte notável para despertar a interioridade, colocar em movimento o pensamento, relançar a atividade de simbolização, de construção de sentido e incitar trocas inéditas” (PETIT, 2010, p. 284).

Reflexões – Abordagem metodológica

Sabemos que a metodologia de pesquisa é imprescindível para assegurar a qualidade e a credibilidade do trabalho científico. Por essa razão, compreendemos a importância de sua adequada classificação. Nesse âmbito, lançamos mão da pesquisa bibliográfica, considerada a “mãe de toda pesquisa”. Além do mais, abordamos o nível de pesquisa descritiva, conforme Gil (1999), bem como a metodologia qualitativa do tipo etnográfico, em especial, a metodologia das convergências proposta por Michèle Petit. Essa abordagem está ligada à antropologia da construção do sentido, a qual é inerente ao exercício da leitura, uma vez que pode auxiliar na formação do sujeito e na internalização de valores no decurso do trajeto de vida. Desse modo, ela abrange, de forma indireta, os impasses individuais e coletivos, conduzindo o sujeito ao autoconhecimento, ao conhecimento do outro e ao conhecimento do mundo.

Dentre as diversas metodologias de pesquisa qualitativa presentes nas ciências humanas, destacamos a *História Oral como metodologia* –, “fonte oral e suas manifestações, mais conhecida como entrevista” (MEIHY; HOLANDA, 2020, p. 14). Essa metodologia se apresenta como possibilidade de responder à proposta de coleta de dados de nossa pesquisa. É nessa vertente que fazemos uso da “história oral com o propósito de registrar a ‘história viva’ das mulheres socialmente em confronto com a lei” (MEIHY; HOLANDA, 2020, p. 14).

Descrevem os autores, ainda, que História Oral, entre outras alternativas, representa uma solução moderna, capaz de influir no comportamento da cultura e de contribuir para a compreensão dos comportamentos e da sensibilidade humana. Observam, também, que o fato de a História Oral ser amplamente aceita pelo público a faz desafiadora do exclusivismo acadêmico (MEIHY; HOLANDA 2020).

Em termos da História Oral, a questão subjetiva se mostra essencial, pois o que mais vale são as versões individuais dos fatos vivenciados. Nessa perspectiva, é preciso considerar que as incertezas e a descartabilidade da referenciação exata garantem às narrativas decorrentes da memória um corpo original e diverso dos documentos convencionais úteis à História. Como vimos, a metodologia da História Oral se espalha nas construções narrativas inspiradas em fatos da vida. Contudo, o processo memorial vai além do próprio narrador, admitindo fantasias, sonhos, omissões, aceites, contornos, silêncio, omissões e distorções, “construindo-se e desenhando-se sentidos”. Como dizem os autores, “o improvável também situa-se no âmbito da vida social” (MEIHY; HOLANDA, 2020, p. 34-35).

Ao optarmos por conhecer as histórias de leitura vivenciadas por mulheres em contexto prisional, por meio da abordagem da História Oral, buscamos “validar suas experiências” com a leitura, “dando sentido social aos lances vividos sob diferentes circunstâncias”. Trata-se neste caso, de mulheres presas, caladas na escuridão de seus pensamentos, pouco ouvidas e geralmente marginalizadas na vida social. Muitas delas foram silenciadas, abandonadas por seus familiares e vivem, no dia a dia, um frontal desrespeito aos direitos humanos e aos preceitos da Lei de Execução Penal.

Considerações Finais

O presente estudo apresenta um recorte da pesquisa de doutorado em andamento, intitulada *Histórias de leitura de mulheres em situação carcerária*. O *lôcus* da investigação é a Instituição Penitenciária Feminina Ana Maria do Couto May, localizada em Cuiabá, onde foi realizada a coleta de dados. Esse cenário constitui um campo de estudo multifacetado, marcado por desafios complexos e únicos, em virtude de suas diversas particularidades, as quais contribuíram para advenços inesperados durante o processo de coleta de dados.

No entanto, ainda que tais imprevistos tenham ocorrido, conseguimos adentrar no universo da pesquisa – por vezes em outros momentos, e colher, sem prejuízos acadêmicos, os dados necessários aos objetivos do trabalho. Desse modo, por meio da abordagem da História Oral, buscamos entrevistar as participantes,

através de suas narrativas inspiradas em suas histórias de leitura, para, assim, “validar suas experiências, dando sentido social e cultural aos lances vividos sob diferentes circunstâncias” (MEIHY; HOLANDA, 2020).

Nelas – suas narrativas – afloram suas histórias de leitura construídas a partir das práticas de leitura realizadas em espaço prisional – lugar de limites e de possibilidades . tais experiências são interpretadas segundo alguns autores apresentados no aporte teórico da pesquisa em andamento, com destaque para as contribuições de Michèle Petit (2010), em sua obra *a Arte de ler ou como resistir à adversidade*.

Nesse seguimento, observamos que as participantes leem por prazer, para “viajar sem sair do lugar”, para navegar no mundo das palavras e para conhecer melhor o seu meio social – nesse caso, a prisão. Nesse caminho, leem para adquirir conhecimento e, para além do conhecimento, buscam novos sentidos e significados por meio de apropriações singulares dos livros por elas lidos. Em tempos difíceis, na perspectiva de Petit (2010), essa prática pode contribuir para a reconstrução de si, adquirindo forças para “costurar a tristeza” e resistir à diversidade.

Outrossim, a leitura, nesse espaço onde a crise é intensa, contribui para amenizar sentimentos e emoções. Ela também possibilita o início de uma atividade de narração, oportunizando vínculos entre os textos lidos e fragmentos de uma história, entre os participantes de um grupo e, às vezes, entre diferentes universos culturais. Isso ocorre, sobretudo, quando a leitura não provoca um decalque, mas, sim, uma metáfora, conforme aponta Petit (2010).

Referências

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Tradução: Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editorial, 1988. Disponível em: <https://lehmae.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/04/scan0109.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2024.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Ed. Atlas, 1999.

HORELLOU-LAFARGE, Chantal; SEGRÉ, Monique. **Sociologia da**

leitura. Tradução: Mauro Gama. Cotia: Ed. Ateliê Editorial, 2010. (Título original: *Sociologia de La Leitura*).

MEIHY, José Carlos Sebe B; HOLANDA, Fabiola. **História oral:** como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2020.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à diversidade.** Tradução: Artur Bueno e Camila Boldrini Nascimento. São Paulo: Ed. 34, 2010.

O conteúdo deste texto é de responsabilidade de seus autores.